



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

BRUNO CHRISTIANN DA SILVA ANDRADE

**AQUENDA MONA - VARIAÇÃO LEXICAL EM DICIONÁRIOS DA
COMUNIDADE DE PRÁTICA LGBTI+**

BRASÍLIA/DF
2021

BRUNO CHRISTIANN DA SILVA ANDRADE

**AQUENDA MONA - VARIAÇÃO LEXICAL EM DICIONÁRIOS DA
COMUNIDADE DE PRÁTICA LGBTI+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Letras/Português pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia da Silva Pacheco

Brasília/DF
2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao meu amado avô Manoel (*in memoriam*) por ter sempre me visto com orgulho e demonstrado isso a todo o momento.

Agradeço aos meus pais, Maria Alzenir e Helenildo Andrade, a quem eu devo não somente a vida, mas todas as minhas conquistas. Que durante toda minha graduação me incentivaram a continuar e me apoiaram na escolha da docência.

À minha avó Maria do Socorro por todo carinho e apoio sempre, obrigado por ter acreditado em mim.

Ao meu amado companheiro, André Vilarins, que tem sido o abrigo em que me protejo dos descontentamentos da vida. Pela paciência, pelo carinho, pela compreensão, pela lealdade e pela cumplicidade, que com todo seu afeto, me incentivou e mostrou que eu era capaz nos momentos em que eu duvidei.

Agradeço ao *Bixes* (Grazi, Tayane, Jailton e Schemberly), que estão sempre ao meu lado e me incentivam das maneiras mais divertidas, vocês são minha família que tive o prazer de escolher e ser acolhido.

Agradeço à minha orientadora, Cintia da Silva Pacheco, primeiramente por aceitar embarcar comigo nessa aventura que é o TCC, pela paciência nos meus momentos de desespero e por tanta disponibilidade.

Ao João e a Guiu, que ouviram meus dramas e indecisões sobre o tema e me ajudaram a pensar em possibilidades, vocês foram de fundamental importância para que eu chegasse até aqui! À Yazu, Pedro, Kairi e Pétala que são sempre uns amores e me ajudaram em tantos momentos durante todo o processo.

Aos meus irmãos, Bianca Andrade, Henrique Andrade e ao meu amado sobrinho Heitor Manoel que estão sempre comigo.

Aos tesouros que a UnB me presenteou, Isabella Alves, Bruna Fernandes e João Paulo, obrigado por trilharem comigo essa caminhada, agradeço imensamente por todos os momentos bons e ruins que vivemos juntos.

Por fim agradeço a todos que estiveram comigo nesta jornada que é a graduação e me auxiliaram.

Basta que se permita
pode dar pinta, pala
quem sabe quem?
só sabe quem quem não cala
o que vem de dentro

explicação nem vem,
só me venha o momento.

(Amara Moira)

RESUMO

O presente trabalho objetiva identificar a variação lexical no dialeto bajubá a partir de dicionários. Inicialmente analisamos os dicionários, depois selecionamos os verbetes que seriam o corpus de análise, em seguida descrevemos os vocábulos e elaboramos uma tabela com as ocorrências levantadas. Utilizamos como corpus o dicionário *Diálogo de Bonecas* (1992), o primeiro dicionário que se tem registro; *Bichonário* (1996), *Aurélia – a dicionária da língua afiada* (2006) além dos glossários, que agrupa termos/expressões que fazem parte da vivência da comunidade LGBTI+, *GLOSSÁRIO* (2008), Vencedor do Show do Gongo 2011 e o Glossário presente na tese de doutorado *Entre segredos e risos: Gírias da diversidade sexual paulistana* (2010). Para apoiar a análise, buscamos fundamento na Sociolinguística Variacionista de Labov (2008), que centra o estudo em uma perspectiva de língua heterogênea, e Bagno (2007), que aborda conceitos como variação e mudança, norma-padrão e norma culta, estigma e prestígio, letramento e oralidade.

Palavras-Chave: Bajubá. Comunidade LGBTI+. Dicionários. Variação Linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

The objective of the present essay is to identify the lexicon variation present in the Bajubá dialect found in dictionaries. Initially the dictionaries were analyzed, then selected the dictionary entries that would make the analysis corpus, and the next step was to describe the lexicon of the selected material, generating a table of contents of the results and data. The corpus used was the dictionary titled *Diálogo de Bonecas* (1992) - the first dictionary ever to be documented in this field; *Bichonário* (1996); *Aurelia - a Dicionária da língua afiada* (2006) and also the glossaries, grouping terms and expressions that are rooted on the LGBTI+ experience and community; The video *GLOSSÁRIO* - winner of the 2011 Show do Gongo, and the glossary used on the doctoral thesis *Entre segredos e risos: gírias da diversidade sexual paulistana* (2010). To backup the analysis, we searched for the fundamentals on Labov's *Sociolinguística Variacionista* (2008), centered around studying a heterogeneous language, showing its variations, and Bagno (2007) that approaches concepts such as variation and change, the formal/standard language, stigma and prestige, literacy and orality.

Keywords: Bajubá. LGBTI+ community. Dictionary. Linguistic variation. Sociolinguistic.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Vocábulos que se repetem nas obras analisadas	25
Tabela 2. Variações para homossexual masculino	29
Tabela 3. Variações para AIDS	30
Tabela 4. Variações para os verbos <i>roubar</i> e <i>transar</i>	31
Tabela 5. Vocábulos do iorubá presentes no bajubá	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA LGBTI+...	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 SEXO E GÊNERO PARA A SOCIOLINGUÍSTICA	14
2.2 DEFINIÇÃO DO BAJUBÁ	18
3 METODOLOGIA	21
4 ANÁLISE DE DADOS	24
4.1 OS DADOS QUE SE REPETEM	24
4.2 A VARIAÇÃO LEXICAL EM “AMAPÔ, AQUÉ E ALIBÃ”	27
4.3 VÁRIOS TERMOS, UM MESMO SIGNIFICADO.	28
4.4 IORUBÁ E BAJUBÁ	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística é a ciência que investiga a língua em suas manifestações usuais, comuns, em contextos reais de uso. As línguas humanas são mutáveis, o que pressupõe processos de variações e mudanças linguísticas.

A língua heterogênea e as variações linguísticas são estudadas como naturais ao sistema linguístico. Entre as variações linguísticas consideradas pela Sociolinguística, estão as gírias, que se caracterizam como variação diastrática, compreendidas como uma forma específica de determinado grupo se manifestar, distinguindo-se de outros grupos a partir de uma norma específica de comunicação. Os dialetos pertencem à categoria de variação diatópica sendo uma variedade linguística regional ou social. Dialetos, portanto, seriam para Silveira (2009, p. 89, *apud* BARBOSA, 2016, p. 5). “variações de uso regional, que se verificam na entonação, no vocábulo e em algumas estruturas sintáticas, caracterizando uma comunidade linguística dentro de um determinado espaço geográfico”.

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a variação lexical no dialeto bajubá presente nos dicionários *Diálogo de Bonecas* (1992), *Bichonário* (1996), *Aurélia – o dicionário da língua afiada* (2006), além dos glossários *GLOSSÁRIO* (2008) e Glossário presente na tese de doutorado *Entre segredos e risos: Gírias da diversidade sexual paulistana* (2010), que agrupam termos/expressões que fazem parte da vivência da comunidade LGBTI+.

Nesse âmbito, estudaremos como se estruturam as variações do Bajubá, visto como um conjunto de palavras e expressões utilizadas pelas travestis que se originaram nos terreiros de matriz africana. No entanto, não é nosso propósito tratar da maneira como essas expressões são expostas em sociedade, mas trazer em debate a diversidade dessas expressões e os conceitos dessas diversas expressões para a comunidade. Ao analisar a comunidade LGBTI+, tem-se uma boa amostra da utilização da linguagem como uma característica necessária na determinação sociocultural de um grupo.

A sociedade LGBTI+ se organiza por sua sexualidade e identidade de gênero que se fazem dissidentes em uma sociedade heteronormativa, compartilhando aspectos que para a sociolinguística podem ser denominados como uma comunidade de prática. Conceituando a comunidade de prática, Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 102, *apud* VELOSO, 2014, p. 5) defendem que seja “um conjunto de

peças agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”.

A pretensão deste estudo é procurar compreender, dentro de uma perspectiva sociocultural, histórica e linguística, o status linguístico da linguagem utilizada pela comunidade LGBTI+, considerando-a como uma comunidade de prática.

1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA LGBTI+

Nos dias 28 e 29 de junho do ano de 1969, os frequentadores do bar The Stonewall Inn, no bairro de Greenwich Village, em Nova Iorque, tiveram seu embate durante uma batida policial e enfrentaram as prisões que aconteciam em bares gays. Moura (2018) alega que foi nesse momento que se tornou público o movimento político em prol dos direitos da população gay, através do movimento de Stonewall, o marco que culminou o início do ativismo gay ao redor do mundo.

Marsha P. Johnson foi uma liderança para o nascimento deste movimento, no entanto ela não militou sozinha. Além de inúmeros gays, lésbicas, travestis e drag queens cansadas de serem violentadas pela sua identidade de gênero e orientação sexual, Sylvia Riveira, uma mulher trans e porto-riquenha, foi uma das primeiras pessoas a arremessar uma garrafa contra os policiais. Para além desse acontecimento denominado como a revolta de Stonewall, Marsha e Sylvia estiveram à frente da primeira parada gay e de grupos que tinham o objetivo de lutar pelos direitos da comunidade, como a Ação Revolucionária das Travestis de Rua, a Frente de Liberação Gay e a Coligação de Ativistas Gays (CARTER, 2004, *apud* MOURA, 2018, p. 61).

No Brasil o movimento gay teve seu início político na década de 70. Um dos primeiros indícios desse movimento no país foi com o Somos- Grupo de Afirmação Homossexual de São Paulo. Regina Facchini (2002) aponta que o grupo teve um destaque muito significativo, pois:

O movimento homossexual teve seu surgimento no Brasil, no final dos anos 70, definindo seu projeto de politização da questão da homossexualidade em contraste às alternativas presentes no “gueto” e em algumas associações existentes no período anterior ao seu surgimento. Essas associações, apesar de reunir homossexuais, possuíam uma atuação qualificada dos militantes como “não-politizada”, por estar voltada para a “sociabilidade”. (FACCHINI, p. 61, 2002).

Durante anos, o grupo usou de acrônimos para incluir as diversas orientações sexuais e identidade de gêneros não heteronormativas. Nos anos 80, começou-se a usar a sigla GLS, Gays, Lésbicas e Simpatizantes, como forma de definir essa comunidade. Em meados dos anos 2000, com essa sigla já não atendendo a esse grupo que cada vez mais buscava por visibilidade de todos os seus indivíduos, se origina o GLBT que contemplava Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais. O e-

book da Think Eva (2021, p. 6) traz a atualização da sigla durante o período de 2008 até atualmente:

A sigla LGBT foi definida pelos movimentos sociais em 2008, na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, quando o movimento nacional aderiu à sigla já difundida em todo mundo até então. Já em 2019, durante a 16ª Conferência Nacional de Saúde, o movimento definiu a adoção da sigla LGBTI+, incluindo as pessoas intersexo e o “+” como referência às diversas outras identidades. A inclusão de novas letras representa novas demandas políticas.

É possível ver um crescimento significativo de pesquisas direcionadas à comunidade de prática LGBT a partir dos anos 2000. Peres (2017) investiga o uso de determinadas características do *bajubá* a partir da construção de uma identidade homossexual, pois, segundo a autora, “o *bajubá* muda segundo os contextos sociais aos quais está ligado” (2017, p.36).

Silva e Santos (2017) investigaram a conexão entre os estudos de gênero e a diversidade da língua dentro e fora da comunidade LGBT+, juntamente com as particularidades ou diferenças semânticas em grupos com diferentes orientações sexuais. Em seu trabalho, os pesquisadores chegaram à conclusão de que palavras, quando usadas por pessoas LGBT+ com um objetivo específico, podem apresentar uma nova concepção. Moura (2018) analisa na *Aurélia*, a dicionária da língua *afiada*, na perspectiva da Análise do Discurso, palavras e expressões que promovem uma questão identitária para a comunidade.

Partindo da linha de análise de expressões presentes no dialeto LGBT+, Braga Junior (2020) pesquisa os jargões utilizados pelas drag queens do reality show *Rupaul’s Drag Race*, criando um paralelo de gírias da comunidade queer americana e suas possíveis traduções na sociedade LGBT+ brasileira. Seu objetivo em sua pesquisa era encontrar o uso de termos provenientes do *bajubá* na tradução, o que não foi encontrado.

Usaremos neste trabalho, para se referir à comunidade de prática, a sigla LGBTI+, pois ela é mais abrangente e inclui uma quantidade maior de pessoas dissidentes. Essas comunidades estão cada vez mais ocupando seu espaço e ganhando visibilidade. É possível vê-las em jornais, revistas, como influencers em redes sociais, séries de TV e em papéis de novelas e filmes. Essa visibilidade, ao passo que apresenta ao mundo a comunidade que vive à margem da sociedade batalhando pela sobrevivência, muitas vezes reforça o estereótipo de preconceito que é usado em discursos conservadores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Sexo e gênero para a sociolinguística

A partir de Willian Labov, a relação língua e sociedade ganha um aprofundamento e uma investigação mais teórica, elevando a Sociolinguística como um campo científico.

A Sociolinguística, portanto, pode ser definida como uma área da linguística que se pauta na relação entre linguagem e sociedade e que entende a língua como uma ferramenta de interação social. Bright, que organizou o congresso na Universidade da Califórnia (Los Angeles), cujos estudos se voltavam para a relação entre linguagem e sociedade, ao apresentar a sociolinguística, define o objeto de estudo da Sociolinguística como “a diversidade linguística.” (BRIGHT, 1974, p. 34, *apud* ALKMIM, 2000, p. 28). Essa diversidade engloba um conjunto de fatores que são socialmente definidos como a identidade social do falante, a identidade social do ouvinte, o contexto social e o “julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre os outros, isto é, as atitudes linguísticas” (ALKMIM, 2000, p. 29).

Mendes (2003), ao definir a variação linguística, apresenta um conceito interessante sobre o sociolinguista e seu objeto de estudo:

De uma perspectiva variacionista quantitativa [...] a sociolinguística ocupa-se em desvendar como a heterogeneidade – ou seja, a variação – se organiza. O sociolinguista variacionista tem como principal interesse compreender de que modo a variação é regulada. (MENDES, 2003 p.125).

Não há como pensar língua de forma abstrata ou neutra. Como parte da diversidade linguística, as variações e mudanças linguísticas têm seu lugar no estudo da Sociolinguística, e seus estudos propõem identificar aspectos linguísticos e sociais que cerceiam os fenômenos de uma língua.

Bagno (2007, p. 46-47) apresenta cinco tipos de variação:

Variação diatópica - é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc.[...] Variação diastrática – é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. Variação diamésica – é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Variação diafásica – [...] é o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal. Variação diacrônica – é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.

Ainda referindo-se à variação estilística, Bagno (2007, p. 43-44), cita fatores extralinguísticos que podem auxiliar na identificação de seus fenômenos:

Origem Geográfica: a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; Outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa; Status Socioeconômico: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa; Grau de Escolarização: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos; Idade: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores; Sexo: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece; Mercado de Trabalho: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este, os mesmos de um cortador de cana; Redes Sociais: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico.

Para a análise da variação linguística, uma das categorias de análise é o sexo. Como já foi mencionado anteriormente, a Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade, então é essencial que se considere que a sociedade passa por constantes adaptações e frequentes mudanças. Se a sociedade muda, os estudos sociolinguísticos precisam estar em consonância com a mudança. Freitag (2015, p. 18) enfatiza que, até pouco tempo atrás, a justificativa para a predileção das mulheres pelas formas padrão ou não estigmatizadas se dava pelo fato de serem “destinadas a papéis como mães e educadoras”. Talvez na década de 60 essa situação pudesse de fato ter uma procedência, porém essa afirmação nos dias de hoje deve ser relativizada, visto que há mulheres que já não exercem a mesma função imposta a ela no passado.

Ao analisar essa variável, são percebidas algumas terminologias para defini-la Coulthard (1991, p. 76, *apud* FREITAG, 2015, p. 25) utiliza em toda a sua obra o termo sexo, baseado na distinção biológica. Somente ao final ele faz uma observação a respeito do termo gênero, vinculando-o a um status social. No Brasil em 1992 o capítulo de Conceição Paiva que foi transformado em livro em 2003 é substancial na elucidação do sexo/gênero.

De acordo com Freitag (2015, p. 27):

A mudança da terminologia pode ser inferida pela expansão dos estudos de terceira onda do feminismo, com o foco nas relações de gênero; a sensibilidade da mulher às formas de prestígio não é uma característica

biológica, mas social. As descrições para gênero que são evocadas nos estudos sociolinguísticos ganham, basicamente, três concepções, em diferentes épocas: (i) Década de 1970, não fazia distinção entre biológico e social; (ii) Década de 1980, período cujo foco de estudos incorporavam estratégias conversacionais características da fala masculina e feminina e, por fim, (iii) Década de 1990, compreendia o gênero como uma construção social e cultural.

O controle da categoria sexo/gênero desenvolvida por orientação sexual e auto identificação de gênero se mostra um recurso necessário, porém não é tão fácil executá-lo em larga escala. Um dos motivos para isso é que não há uma concordância sobre quantas e quais são estas orientações sexuais e identidades de gênero. Freitag (2015) as coloca numa mesma camada, e é importante aqui realizar esta distinção entre orientação sexual e identidade de gênero. Think Eva+ (2021, p.27) compreende como orientação sexual “a experiência de cada pessoa de sentir (ou não) uma profunda atração emocional, afetiva e/ou sexual por outro indivíduo, assim como ter (ou não) relações românticas e/ou sexuais com essas pessoas”. Já a identidade de gênero, segundo Think Eva+ (2021, p. 22), é concebida como algo que “se refere à relação singular e individual entre a compreensão de uma pessoa sobre o próprio gênero e o gênero atribuído a ela no nascimento”.

Ainda que exista um avanço nas pesquisas sociolinguísticas, algumas circunstâncias são importantes de serem observadas, como é o caso do não controle dos entrevistadores. Romaine (2003, p. 112, *apud* FREITAG, 2015, p.65), relembra que os estudos sociolinguísticos iniciais foram conduzidos por homens e refletiam a parcialidade masculina, o que gera uma alteração significativa nos resultados obtidos. No entanto, não se devem desconsiderar estes estudos, uma vez que foram de extrema importância para a construção e evolução da Sociolinguística como ela é hoje.

Silva (2013) diferencia o conceito de variação e mudança linguística. Para a autora, toda mudança acontece de uma variação, porém nem toda variação se torna mudança.

Toda variação, [...] é subconsciente, está abaixo do nível da consciência. As pessoas se dão conta do que está acontecendo somente quando a variação já se transformou em mudança, já se instalou. Mudança então, é o resultado de alguns processos de variação. (SILVA, 2013, p. 157)

Algumas variações podem se tornar mudanças linguísticas. Para isso acontecer, é preciso que alguns processos de variação ocorram e que, por meio de

pesquisas sociolinguísticas, pode-se constatar como acontecem as mudanças linguísticas.

1- começa quando um fenômeno passa a se apresentar com pelo menos uma variante, [...] mostra características de diferenciação ordenada [...]; 2- ocorre na gramática da comunidade de fala; 3- é transmitida de modo geral na comunidade; 4- tem explicação intimamente ligada a fatores linguísticos e sociais ou extralinguísticos (SILVA, 2013, p. 162).

A variação linguística corrobora a construção da identidade do falante, na qual membros de um mesmo grupo tendem a apresentar códigos linguísticos em comum. As escolhas linguísticas do indivíduo podem ocorrer conscientemente ou de maneira inconsciente, baseando-se em sua identidade social e em seus múltiplos papéis sociais que são desempenhados pelos indivíduos. Para Bortoni-Ricardo (2005), “falante e ouvinte influenciam-se mutuamente e vão construindo, a cada instante, o contexto da comunicação.” Essa via de mão dupla se desenvolve de maneira natural na construção do discurso. A autora defende que

Os processos de identificação com o grupo de referência podem ser desencadeados pela presença do interlocutor, ou por outros elementos do contexto situacional. A acomodação que o falante promove em sua fala pode não ser, todavia, voltada aos ouvintes primários, mais sim aos membros de uma rede virtual, com quem o falante deseja identificar-se e de quem ele espera receber ratificação e aprovação (BORTONI – RICARDO, 2005, p. 178).

Para que haja esse processo de identificação, é necessário que se exista o grupo de referência, ou comunidade de prática, inserida em uma comunidade de fala, compartilhando normas e condutas sociais diante uma língua ou variedade linguística. Para Labov (1972, p. 120-121, *apud* VANIN, 2009, p. 148):

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso.

É na comunidade de prática e na comunidade de fala que estudos sociolinguísticos evidenciam as variações linguísticas e possíveis fenômenos que são analisados e trabalhados. Em termos gerais, por mais que não seja definida por nenhum acordo marcado, a comunidade de fala possui diretrizes compartilhadas que facilitam sua caracterização englobando toda uma região, diferindo da comunidade de prática no qual seus membros compartilham repertórios de práticas comuns.

Neste artigo apresentaremos a comunidade de prática LGBTI+. Para Wiedemer (2009, p. 6) “as comunidades de práticas visam ao estudo do repertório/práticas que os indivíduos compartilham ao realizarem determinado empreendimento em comum”. Isto posto, podemos aqui caracterizar a comunidade LGBTI+ como uma comunidade de prática que utiliza do bajubá em determinados contextos.

2.2 – Definição do bajubá

Para se definir o bajubá, é pertinente voltarmos nossos olhares ao idioma ioruba. Segundo Netto Junior (2018, p. 6):

O idioma iorubá conseguiu resistir e permanecer nas rezas, cantigas e atos praticados no candomblé, uma religião de matriz africana que veio para o Brasil na época da escravidão. As duas grandes religiões de matrizes africanas no Brasil que são umbanda e candomblé se diferem também na questão linguística. Na umbanda reza-se e cultua-se os seus atos em português e seus orixás se fundem com os santos do catolicismo. Já no candomblé, as raízes linguísticas africanas são mantidas, ou seja, os principais rituais da religião são realizados e cantados em iorubá, motivo importante para apontar a influência do candomblé nas gírias do pajubá.

Uma hipótese para a criação do bajubá foi o acolhimento dado pelo candomblé às travestis e aos homossexuais que sentiam a necessidade de procurar uma religião, visto que as religiões de base cristã condenavam (e ainda condenam) a comunidade LGBT. Nas cerimônias as línguas utilizadas pelos candomblecistas eram a nagô e o ioruba. A partir dessas línguas, travestis criaram um código próprio, e o bajubá acabou se expandindo para todo o grupo LGBT com acréscimos e ressignificações.

A comunidade estudada neste trabalho teve seu contato com o ioruba através das cerimônias religiosas afro-brasileiras e iniciou seu uso fora dos terreiros. Pra Barroso (2017), a comunidade LGBT passa a participar dos cultos religiosos porque estas religiões não costumam discriminar seus praticantes.

A umbanda, por ser uma religião que não faz acepção de pessoas, consegue agregar muitos gays. E através dela a comunidade LGBT passa a adotar a chamada língua-de-santo e começa a compreender a doutrina e participar ativamente dos rituais, inclusive, cantando os ‘pontos’ da umbanda, que seriam os cânticos de adoração às entidades. Foi vivenciando a realidade dos terreiros e gongás³ que, aos poucos, os homossexuais começaram a aprender alguns termos do iorubá e,

consequentemente, começaram a reproduzir nas ruas, formando uma legião de falantes (BARROSO, 2017, p. 19).

Netto Junior (2018, p. 6) vai de encontro com a afirmação de Barroso em seus estudos e defende que:

A aproximação dos homossexuais em terreiros de candomblé se dá em virtude da aceitação deles nesse tipo de espaço. Dessa forma, é possível verificar que o vocabulário iorubá utilizado nos terreiros de candomblé acabou por influenciar a origem de uma linguagem codificada utilizada pela comunidade LGBTQ+.

Cabe ressaltar aqui que são as travestis que criaram e se apropriaram deste dialeto, hoje associado a toda comunidade LGBTI+. Foram elas que adotaram essa forma de se comunicarem e relatarem perigo.

Nota-se, portanto, que o bajubá ora se configura como linguagem de resistência, especialmente pelas travestis que estão na prostituição, ora a sua associação como uma linguagem de rua, dos guetos, do subúrbio e ligado às religiões afro-brasileiras, é motivo de discriminação e rejeição por parte das travestis “tops”, para quem a cultura europeia é o modelo ideal, universal, portanto, colonizador de outras culturas e manifestações não eurocêntricas (QUIJANO 1972, p. 17, *apud* ARAÚJO, 2018. p. 42).

O dialeto bajubá teve seu processo de construção gradativo conforme Torres (2019, p. 3) aponta:

Para entender esse processo construtivo e gradativo, temos primeiro que entender o que é o dialeto. O Pajubá possui, em sua construção, diversas influências como por exemplo, da Língua Portuguesa, e dos dialetos africanos que, por sua vez, possui forte manifestação em religiões como o Candomblé e a Umbanda. Entretanto, o dialeto Pajubá possui outras influências, como por exemplo, o idioleto, o pidgin e o crioulo que, por sua vez, são línguas faladas e que também possuem, origens africanas.

O bajubá, ao ser levado para fora das celebrações religiosas, recebe algumas influências de outros idiomas, e algumas palavras ganham novos significados de acordo com o contexto da fala no dia a dia. Barroso (2017, p. 20), a partir de seu estudo, defende que essas modificações são de tipo fônico ou semântico.

Com sua popularização, o bajubá começou a ser difundido não somente na comunidade de travestis, mas também a uma escala mais ampla da comunidade LGBTI+. Sobre essa propagação, Porto e Andrade (2013, p. 2) alegam que:

O Bajubá deixou de ser uma linguagem específica de um grupo restrito de travestis para adentrar em um universo linguístico mais amplo, pertencente ao grupo LBTTT como um todo. A própria mídia vem utilizando tais palavras, agora em um contexto de “mundo gay”, esquecendo toda a raiz do Yorubá. Temos como exemplo o sítio katylene.com, novelas da Rede Globo que vêm tratando de temáticas LBTTT, o longametragem “Elvis & Madona”,

dentre as mais diversas outras ferramentas de cultura popular que vem propagando o que seria a linguagem LGBTT.

É importante ressaltar a problemática em torno do termo “dialeto dos gays”, comumente utilizado para caracterizar o bajubá: tal tratamento invisibiliza o papel das travestis como agentes criadoras e multiplicadoras do dialeto que, ainda hoje, é inferiorizado por determinados setores da comunidade LGBTI+. A partir dessas constatações, a nossa pretensão é contribuir para as discussões a respeito do bajubá, tendo como base as análises linguísticas sobre o dialeto.

3 METODOLOGIA

Para a análise da variação linguística do bajubá, foi selecionado o corpus composto com alguns dicionários e glossários que catalogaram palavras do bajubá que são utilizadas pela comunidade de prática. A seguir explicaremos cada um desses materiais escolhidos. A análise do nosso corpus terá um foco especial no léxico. Robbin e Da Silva (2020, p. 2321) observam que

Em se tratando de dimensão linguística da variação, levamos em consideração a fonologia (a diferença na pronúncia dos sons da língua), a morfossintaxe (as diferentes formas e possíveis ordenações de uma palavra/frase/oração) e o léxico, que, por sua vez, pode ser pensado, segundo Biderman (1992), enquanto testemunha de uma cultura, tendo em vista a sua potencialidade de descrever as práticas, os costumes e os comportamentos de determinada época, variando de acordo com o recorte sociocultural da realidade do falante. Desta maneira, situaremos o nosso estudo no âmbito da variação lexical.

Além dos dicionários tradicionais, há aqueles dicionários específicos para áreas como os dicionários de moda, de termos jurídicos, de filosofia, de termos técnicos da área da saúde, de música, bíblicos entre tantos outros. Da mesma forma, existem aqueles que retratam dialetos regionais, gírias de determinadas comunidades de fala. Aragão (2000) evidencia o fato de que estes dicionários que retratam os falares populares são, em sua maioria, elaborados por autores que não são da área da linguística:

Uma das características desses novos dicionários, vocabulários e glossários é que seus autores não são lexicógrafos ou linguistas. São pessoas com outras formações profissionais: jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, creem eles, são típicas daquele estado específico (ARAGÃO, 2000 p.53).

No que se refere à lexicografia de dialetos LGBT, tal qual aos estudos de língua inglesa, há alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil que tem por objetivo mapear e descrever aspectos relacionados a glossários e dicionários de palavras utilizadas por esta comunidade de prática.

Em 1992 é criado o primeiro dicionário que dispõe de palavras em bajubá, dialeto que, como já mencionado, foi criado pelas travestis da prostituição para se comunicarem e se defenderem de agressões vividas nas noites de trabalho. Gonçalves e Gomes (2021) reconhecem O “*Diálogo de Bonecas*” como a primeira obra que registra o dialeto bajubá em forma de dicionário:

A primeira obra brasileira sobre gírias LGBT+ de que se tem registro é O Diálogo de Bonecas (1992) - o primeiro Dicionário de Bajubá das Travestis

– que foi idealizado por Jovanna Cardoso da Silva. Segundo o prefácio da obra, o bajubá (ou pajubá) é um dialeto criado pelas travestis da prostituição para se defenderem dos ataques sofridos. Indo um pouco mais além, Fry (1982) e Vip e Libi (2006) afirmam que o dialeto tem origem africana (GONÇALVES e GOMES, 2021, p. 136).

Em seu vídeo para o canal Fonatrans (2019), Jovanna Baby, criadora do dicionário, explica que a obra é importante para que outras meninas de outros estados estudassem e aprendessem a falar o bajubá. Em uma entrevista dada a Folha de S. Paulo, em 1995, a autora afirma que:

As travestis falam uma língua própria e essa nossa língua é uma forma de defesa contra a violência que sofremos, a travesti não se preocupa com a possibilidade de o dicionário acabar servindo como arma de seus `inimigos`, São palavras muito difíceis. Tenho certeza que não serão gravadas” (BABY, 1995. p.1).

Para a criação do dicionário, Baby afirma que, para a preparação e publicação, teve auxílio de dois colaboradores durante dois anos de pesquisa.

O *Bichonário*, criado pelo jornalista Oracil Pedreira Santos Jr., nasceu como apêndice da monografia intitulada *Linguagens de gaytos: um estudo sobre o falar da comunidade homossexual baiana*. De acordo com Gil Fernandes, a obra nasceu despretensiosamente e ganhou um grande reconhecimento, pois expõe a realidade e cultura de pessoas que vivem na comunidade LGBT.

Em seu estudo sociolinguístico, Alonso (2005) elaborou uma pesquisa que tinha como objetivo o levantamento e investigação das gírias que são utilizadas pela comunidade LGBTI+ nas noites paulistanas, nas regiões do bairro Jardins e centro de São Paulo. Na produção de Araújo (2018, p.39-40), a autora explicita o corpus da pesquisa:

Dois documentos foram analisados: Gírias de todas as tribos, de Karin Fusaro, e Bichonário: um dicionário gay, de Orocil Santos Júnior. O primeiro documento não é voltado apenas para a comunidade LGBT, é um levantamento das gírias usadas por diversos grupos sociais, com duas seções dedicadas aos “gays, lésbicas e simpatizantes” e outra às gírias utilizadas pelas travestis (FUSARO, 2001). O segundo documento será analisado nesta dissertação e diferentemente do primeiro, é um documento voltado para a comunidade. Algumas classificações deste universo, na linguagem LGBT, foram abordadas na pesquisa de Alonso (2005), como: trava, metá-metá, mondrongo, mona de equê, montada, caricata, entre outras.

Já em 2006, Angelo Vip e Fred Libi criam a *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. Esta obra é tida como o primeiro dicionário LGBT+ de grande dimensão publicada no Brasil, composta, em sua maioria, por verbetes oriundos do bajubá. A

Aurélia foi lançada em 30 de maio, do ano de 2006, pela editora do Bispo, e contém 1.300 verbetes, disponibilizados na forma de um dicionário tradicional.

Os autores já deixam claro no prefácio que o a obra se distancia de um material politicamente correto. A intenção é alcançar o maior número possível de termos que podem ser associados à comunidade e à cultura LGBTI+. Outro fato pertinente da obra é utilizar tudo no feminino. Por esse motivo, não é o dicionário, mas sim “a dicionária” para frisar o gênero feminino.

Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura (VIP, LIBI. 2006, p. 5).

Deste modo, a obra é um dicionário que cataloga termos da comunidade LGBTI+, mas que também oportuniza visibilidade, uma vez que parte de uma sociedade conservadora poderia questionar a razão da criação de um dicionário que apresente termos coletivos da comunidade LGBTI+.

Os trabalhos que tem como objeto de estudo os glossários e dicionários LGBT+ evidenciam que determinadas palavras e expressões são utilizadas para apontar e definir a identidade pessoal e também da comunidade. Ademais, algumas expressões e palavras tiveram sua utilização por homossexuais para protegê-los na busca por encontros sexuais, bem como para esconder da sociedade sua orientação sexual em situações onde o local não aprovava sua existência.

4 ANÁLISE DE DADOS

Na Língua Portuguesa Brasileira a variação linguística é constante, percebemos na criação de gírias e expressões que produzimos para falar sobre determinado assunto e com determinados grupos, os significados de determinadas palavras também mudam. A comunidade LGBTI+ possui diversas maneiras de falar que são geralmente associadas a um léxico específico ou a um conjunto de gírias, como um tipo de código que apenas esses falantes se entendem. Ocasionalmente alguns vocábulos acabam se espalhando para o vernáculo do português brasileiro. Calvet (2002, p. 112 *apud* LAU, 2015, p. 100) comenta:

Não existe razão linguística alguma para considerar a gíria como uma forma separada da língua. Todos os corpora de gírias nos mostram que essas formas diferem essencialmente da língua padrão por seu léxico, e essas diferenças lexicais baseiam-se em princípios produtivos que são estritamente os da língua.

O levantamento de ocorrências do Bajubá foi feito com base em uma seleção de expressões nos dicionários: *Diálogo de Bonecas* (1992), *Bichonário* (1996), *Aurélia – o dicionário da língua afiada* (2006), além dos glossários: *GLOSSÁRIO* (2008) e *Entre segredos e risos: Gírias Da Diversidade Sexual Paulistana* (2010), visto que estes materiais escritos materializam os termos cotidianamente falados por parte desta comunidade.

Especificamente sobre a coleta dos dados, foi adotada como procedimento para o levantamento das ocorrências a utilização de palavras que aparecem em dois ou mais dicionários selecionados, independentemente da sua origem.

4.1 Os dados que se repetem

No corpus, foram encontradas 12 expressões que estão presentes desde o primeiro dicionário que se tem registro até o glossário presente na dissertação de Alonso (2010). “Aqué” (*Dinheiro*), “Adé” (*Homossexual masculino*), “Alibã” (*Polícia*), “Amapor/Amapô/Amapoa” (*Mulher*), “Aquendar” (*Chamar para prestar atenção; fazer alguma função; Pegar*), “Babado” (*Acontecimento*), “Bofe” (*Homem heterossexual*), “Edi” (*Ânus*), “Fazer a” (Expressão usada com o sentido de dar uma de), “Mona” (*O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino e travestis*), “Neca” (*Pênis*), “Uó”. (*Ruim, feio desagradável, desprezível, errado, equívoco*). É oportuno destacar a

recorrência destes termos em todos os dicionários que mostra que algumas expressões estão presentes e se mantem firmes no dialeto bajubá. Além das palavras que se repetem em todos os materiais, 30 palavras apareceram em mais de um dicionário, como pode ser visto no quadro abaixo:

Tabela 1. Vocábulo que se repetem nas obras analisadas

	PALAVRAS	DIÁLOGO DE BONECAS	BICHONÁRIO	AURÉLIA	GLOSSÁRIO	ENTRE SEGREDOS E RISOS
1	Acué	X	X	X	X	X
2	Adé	X	X	X	X	X
3	Ajeum	X	X	X		
4	Alibam	X	X	X	X	X
5	Amapor / Amapô / Amapoa	X	X	X	X	X
6	Aquendar	X	X	X	X	X
7	Azuelar	X	X	X		
8	Babado	X	X	X	X	X
9	Bajubá	X		X		
10	Bate bolo	X		X		
11	Bofe	X	X	X	X	X
12	Cacura	X		X		
13	Carupé	X		X		
14	Cheque	X	X	X	X	
15	Coió	X		X		
16	Desaquendar	X	X	X		X
17	Dragão	X	X	X	X	
18	Ebó	X		X		
19	Edi	X	X	X	X	X
20	Elza	X	X	X	X	
21	Eque	X	X	X		X
22	Ere	X	X	X	X	
23	Fazer a	X	X	X	X	X
24	Gamber	X	X	X		X
25	Ilê	X	X	X		
26	ilê Colori	X		X		
27	Indaca	X	X	X		
28	Laruê	X		X		
29	Lorogun	X		X		
30	Matin	X	X	X	X	

	PALAVRAS	DIÁLOGO DE BONECAS	BICHONÁRIO	AURÉLIA	GLOSSÁRIO	ENTRE SEGREDOS E RISOS
31	Mitorô	X		X		
32	Mona	X	X	X	X	X
33	Mona ocó/ Monocó	X		X		
34	Neca	X	X	X	X	X
35	Nena	X		X		
36	Ocó	X	X	X		
37	Odara	X	X	X	X	
38	Otim	X	X	X		
39	Ramé	X		X		
40	Taba	X	X	X		X
41	Uó	X	X	X	X	X
42	Xepó	X		X		

Ao observar esta pequena amostra, percebe-se que há uma composição muito característica de algumas estruturas que indicam uma frequência em termos próprios do dialeto bajubá, e, também, um alto teor de produtividade, no que se refere a termos que são recorrentes nos cinco materiais analisados.

Muitas das expressões presentes nas obras adotam uma marca intensificadora, como é o exemplo de “Odara” que no ioruba significa o adjetivo bonito e, quando aplicado ao bajubá, dá uma intensidade a algo. No termo “Edi Odara”, presente em *Diálogo de Bonecas* (1992, p. 10), o acréscimo de “odara” apresenta uma intensificação, por esse motivo esse termo no português brasileiro é traduzido como “Bunda grande e bonita”.

Alguns substantivos funcionam como verbos dependendo do contexto em que se aplicam, e são utilizados com um verbo auxiliar. Esse fenômeno pode ser observado na palavra “Baco”, presente no *Bichonário: um dicionário gay* (1996, p.25), que significa roubar, porém é usado como perífrase verbal, como por exemplo, na frase “*Deram baco nas roupas da Carlinha*” que no português brasileiro significa “*Roubaram as roupas da Carlinha*”.

É possível perceber, também, um amálgama de vocábulos, como o caso de (monocó): dos termos “mona” e “ocó”, elabora-se uma junção não convencional, que gera um termo aglutinado, que significa, no falar LGBTI+, um homossexual masculino efeminado, que possui traços ditos como femininos ou uma lésbica que possui traços ditos como masculinos.

Preti (2011) enfatiza o potencial determinante nas gírias de grupo, responsáveis por identificar aspectos geográficos, sociais e até mesmo sexuais dos sujeitos que a praticam.

4.2 A variação lexical em “Amapô, Aqué e Alibã”.

O dialeto bajubá também teve seu léxico alterado ao longo dos anos. Palavras mais antigas tomaram formas mais reduzidas, como é o caso da palavra designada para se referir à mulher no bajubá:

“Amapor – Amapoa – Amapô – Mapô”

O termo originalmente advindo do lorubá, ao longo dos anos, conforme podemos observar na aparição nas obras analisadas, teve sua adaptação no falar dos membros da comunidade. Inicialmente, em *Diálogo de Bonecas* (1992), o termo “Amapor” se referia à parte íntima da mulher (p. 7); em 1996 em *Bichonário: um dicionário gay* (p.18), “Amapô” recebe como significado “Mulher”; Em *Aurélia – o dicionário da língua afiada* (2006, p.18), encontram-se os dois significados anteriores, ou seja, “Amapoa; Amapô; mapô” se refere ao *órgão sexual feminino e também é usado para designar mulher*.

Para Mollica (2003, p.9) existe uma dinâmica íntima entre as línguas, ou seja, sua disparidade possibilita a identificação de formas distintas. Sobre esse fenômeno, Rocha (1996, p.17) defende que:

A mudança semântica pode ter origem em outros fatores, como os linguísticos, por exemplo. Trata-se de modificações por “contágio”, ou seja, alterações decorrentes de colocações e/ou associações a que as palavras estão sujeitas na fala. Lyons enfatiza a importância das considerações sintagmáticas para a discussão da especialização do sentido e Porzig, já na década de 30, mostrava que a abstração e a generalização dependem do afrouxamento das relações sintagmáticas (PORZIG, *apud* LYONS,1977:214). Assim é que, se um lexema for usado frequentemente em relação sintagmática com um conjunto restrito de lexemas ou de expressões que o modificam, pode vir a englobar o sentido destes.

No português brasileiro, dinheiro é o termo designado ao instrumento usado como forma de pagamento. Já no bajubá é utilizada a palavra “Aqué”. Nas edições analisadas, pode-se observar que o termo apresentou algumas adaptações em sua escrita. No dicionário de Baby (1992), é utilizado “Acué” (p. 6); *na obra de Santos Júnior* (1996, p.19), a letra ‘c’ é removida sendo inserida a letra ‘q’ “Aqüé” (p. 19); a

mesma grafia é utilizada na obra de VIP e LIB (2006, p.20), que apresenta também a variante “Akué” (p. 18). Já no vídeo *GLOSSário* (2008), é apresentada a variante lexical “Acqué”. Em “aqué” podemos notar uma adaptação na escrita, mas seu significado continua o mesmo.

“Acué – Aquë – Akué – Acqué – Aqué”

“Alibã”, o equivalente a policial no português brasileiro, está presente em *Diálogo de Bonecas* (1992) com a letra ‘m’ e sofreu a exclusão de uma letra e o acréscimo do til para marcar a nasalização, em *Bichonário: um dicionário gay* (p.18), *Aurélia – o dicionário da língua afiada* (2006, p.18), no vídeo *GLOSSário* (2008) e *Entre segredos e risos: Gírias da diversidade sexual paulistana* (2010).

“Alibam – Alibã”

4.3 Vários termos, um mesmo significado.

No âmbito heterossexual da sociedade, algumas terminologias como “viado” ou “bichinha” são comumente direcionadas a homossexuais masculinos com conotação pejorativa, inferiorizando tais sujeitos. Na comunidade LGBTI+, os próprios falantes, para chamar a atenção deles, se chamam de “adé”, “lala”, “biltra”, “mona”, “viado”, por exemplo, em determinados contextos, sem menosprezar. Percebe-se que é uma maneira de ressignificação destas palavras. Para denominar o sujeito homossexual masculino, nos dicionários selecionados, foram encontrados 115 termos que os identificam.

Tabela 2. Variações para homossexual masculino

Significado	Diálogo de Bonecas	Bichonário	Aurélia: a dicionária da línguaafiada
Homossexual masculino	Adé (p. 6)	Adefuntó, adofiró (p.17); Aferminado, afrescalhado, amaricado, amulherado (p.18); Aquarilhado (p.19); Baitola, bamby (p.31); Bandejeiro, barbosa, besouro (p.24); Bicha (p.25); Boneca, boiola, boizebu (p.27); Borraboi, boy, bundeiro, broto (p.28); Caga prá dentro, caga rola, cai dos quartos, cara legal, cardoso, caravela, capedo (p.31); Cassandra, chibungo (p.32); Cõngrio (p.33); Corujona; creuza; crezeiro (p.34); Dedeca, dalila (p.37); Desmunhecado (p.38); Efeminado, entendido (p.41); Filozinha, florzinha, fona, franciscquinha (p.46); Frango, fresco, fronha, frutinha, festim (p.47); Galglo, gay (p.51); Giló, guaxeba, gobira, Goreba (p.52); Invertido (p.56); Laila, lala (p.59); Lilás (p.60); Macio, maneca (p.63); Maricas; mastigo, membica (p.64); Miloca, mona (p.65); Ozias (p.71); Paca, panasca, paneleiro, panilas, papista, paqueta, peão (p.75); Peixinho do mar, perobo, piaba (p.76); Qualira (p.81); Rapaz alegre, de peito (p.85); Rosinha (p.86); Sacrista, salta-moita, senhora (p.89); Suné (p.90); Tata (p.93); Tricha (p.94); Uranista (p.97); Viado, vinte e quatro (p.98); Zé Augusto, zig-zag (p.99).	Baitola (p.26); Biba (p.29); Bicha (p.29); Biltra (p.32); Boiola (p.34); Culeiro (p.45); Cheine, entendido, frango, fruta, homiceta, homigina, laleska, mona, mônica, paneleiro, poc-poc, quaquá, quatira, tata, vera-boiola, viado, xibungo. (p. 65-66)

A respeito da variação social e estilística, Labov (2008, p. 313) aponta que:

A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística (LABOV, 2008, p. 313).

Quanto à influência de eventos políticos e culturais na variação lexical, pode-se verificar a ausência de efeito imediato, devido à sua dependência da fala, do uso da língua. É, portanto, por meio da fala que se realiza a mudança no léxico, promovendo a criação de novas normas (BASÍLIO, 2007, p. 21).

Sendo assim, o conceito de variante lexical na produção de Tarallo (2001, p. 8) para variante linguística aponta que:

Variante lexical é, portanto, cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva.

Labov (2008, p. 290) afirma que “de fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente “têm o mesmo significado”. O autor corrobora a hipótese de que, por maior que seja a quantidade de termos direcionados a um significado, o falante permanecerá usando um termo de sua preferência.

Tabela 3. Variações para AIDS

Significado	Diálogo de Bonecas	Bichonário	Aurélia: a dicionária da língua afiada
AIDS	Maldita (p. 4)	A menina (p. 17); Bichinho do Ran Ran (p.25); Cidinha (p.33); Maldita (p.63); Pereba (p.76); Poderosa (p.77); Quatro Letrinhas (p.81); Tia (p.93).	Tia Sida (p. 126)

Algumas palavras, devido a demandas sociais, são aplicadas com eufemismo no Bajubá. Um exemplo é a AIDS, adjetivada no dialeto como "maldita", em virtude do estigma provocado pela epidemia da doença, exigindo a adaptação pela comunidade LGBTI+.

A partir da urgência social de adaptação, as gírias se originam através de grupos em dissidência, marginalizados por questões raciais, identitárias ou de classe. Isto posto, Preti (2011, p. 2) considera que

Quanto a esses comportamentos, essas marcas contribuem para a formação de uma consciência de grupo; quando os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de auto-afirmação na sociedade, dizemos que essas marcas constituem signos de grupo. [...]. No caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de gíria ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo mundo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade.

Bauman (2005, p. 22) reitera que a identidade “é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objeto’; como uma coisa que ainda se precisa construir”. Diante disso, nota-se que o autor preconiza a construção social da identidade, isto posto, a aceitação das maneiras, da forma de linguagem e de outros componentes da identificação bajubá pode contribuir para a construção da identidade do indivíduo pertencente à comunidade LGBTI+.

Tabela 4. Variações para os verbos roubar e transar

Significado	Diálogo de Bonecas	Bichonário	Aurélia: a dicionária da língua afiada
Roubar	Azualá; (p.7) Elza (p.10)	Abalar (p.17); Azuelar (p.20); Baco (p.23); Bete (p.25); Carpiar (p.31); Quebrança (p.81).	Alibete (p.18); Dar um ninja (p.49).
Transar	Baco (p.8)	Bombão (p.27); Fazer (p.45); Função (p.47).	Pimbar (p.105); Trepar (p.128); Dar um fight (p.49); Fazer (p.60).

Outro fato interessante percebido através dessa análise foi a transformação de alguns substantivos em verbos. Um exemplo disso é o substantivo feminino Elza, que no bajubá é transformado no verbo roubar. Em uma aplicação na frase, aparece precedido de outro verbo, como, por exemplo:

“Mapô aquenda! O viado deu a elza na caminhoneira.”

Essa frase para o português brasileiro poderia ser traduzida como: “Olha ali, mulher! O homossexual roubou a lésbica.”

4.4 Iorubá e Bajubá

Como já visto, o Bajubá foi criado dentro dos terreiros das religiões de matrizes africanas, e com isso incorporou em seu dialeto palavras advindas do Iorubá que persistem até hoje neste dialeto. Podemos citar, por exemplo, a palavra Aqué que permanece presente em todos os materiais analisados com seu mesmo significado oriundo do Iorubá.

Tabela 5. Vocábulo do iorubá presentes no bajubá

Palavras do Iorubá	Significado	Significado no Bajubá – “Aurélia: a dicionária da língua afiada”
Ajeum	Comida	Adj. Comida, rango, gororoba, ebó. (p. 18)
Amapô	Mulher	S.f. Vagina; órgão sexual feminino. 2. Termo usado para designar mulher. (p. 18)
Aqué	Dinheiro	S.m. Dinheiro. (p. 20)
Equé	Mentira	S.m. Truque, engano, coisa falsa. Termo utilizado para mentiras, em geral, e também em supostas frases irônicas, e ou sentidos opostos para frases afirmativas. (p. 54)
Erê	Criança	S.m. Bofinho adolescente; Criança jovem. Acepção para crianças e ou adolescentes afins para relações homossexuais. (p. 55)
Ocô	Homem	S.m. Homem-homem; Heterossexual. (p. 99)
Odara	Bonito	Adj. Bom; Bonito; Grande. Termo que assume o sentido de grande, muitas vezes relacionado ao tamanho do órgão sexual e ao porte físico. (p. 99)
Otim	Bebida Alcoólica	S.m. Bebida alcoólica consumida no meio LGBT. (p. 100)

No que diz respeito ao *continuum* que representa a variação diatópica do Iorubá e Bajubá, notamos que os termos que ocorrem na língua africana também se mantêm com o mesmo significado ou significado próximo ao dialeto LGBTI+. Destaca-se a expressão “Equê” que, utilizado no bajubá, ganha sinônimos ao seu significado original do Iorubá.

Podemos perceber o emprego de determinados termos encontrados nas gírias da comunidade LGBT, os quais, se fossem interpretados por meio de seus significados no Português Brasileiro ou mesmo pelo dicionário Aurélio, não fariam sentido algum.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade LGBTI+ precisou procurar refúgio em diversos momentos da história, buscando segurança em espaços físicos, e até mesmo em suas comunicações para não serem expostos a um perigo. O dialeto bajubá então surge como uma forma de diálogo entre essa comunidade dissidente. Seu nascimento se dá em terreiros de religiões de matriz africana.

Concluir, então, que o bajubá funciona como um meio de defesa e de proteção para os seus falantes resulta em afirmar que esse reflexo linguístico possui origens e causas sociais, reflexo do preconceito social, cuja causa principal é o cerceamento moral que permeia as relações sociais. Fica assim evidenciado que a comunidade LGBTI+ se mantém como um grupo social estigmatizado e marginalizado, que se organiza em regiões específicas onde podem exercer sua liberdade de ser. O bajubá funciona como uma expressão linguística dessa comunidade de prática excluída em diversos âmbitos da vida social.

Dada à importância do assunto, esta pesquisa propôs-se a analisar o dialeto bajubá baseado em dicionários e glossários, bem como investigar as variações lexicais a partir das obras escritas.

Pode-se verificar, no que diz respeito às variações linguísticas encontradas nos dicionários, que a variação diatópica se faz presente principalmente em *Aurélia – A dicionária da língua afiada* (2006, p. 19), pois, se a expressão é realizada somente em um estado, é apresentada com a classificação morfológica, entre parênteses a localidade em que ocorre a utilização e, posteriormente, seu significado. No exemplo de “Alma – s.f (PE) Pessoa”, o estado de Pernambuco se encontra entre parênteses, e os falantes do bajubá utilizam a palavra “alma” com o significado de “pessoa”.

Constatou-se a transformação de alguns substantivos em verbos no bajubá, como é o caso do substantivo feminino “Bete” presente em *Bichonário: um dicionário gay* (p.25) que é transformado no verbo roubar com o acréscimo de um verbo auxiliar, como no exemplo “A mariconna fez a bete no aqué do erê na balada.” Que no português brasileiro poderia ser traduzido para “O homossexual mais velho roubou o dinheiro do adolescente na festa”.

O estudo apresentou também, alguns itens lexicais originários do ioruba que se mantêm presentes no bajubá, em *Diálogo de Bonecas* (1992) encontramos

termos como: “Aqué” (*Dinheiro*), “Adé” (*Homossexual masculino*), “Alibã” (*Polícia*), “Amapor/Amapô/Amapoa” (*Mulher*), que também seguem presentes em *Bichonário* (1997), *Aurélia – o dicionário da língua afiada* (2006) além dos glossários, *GLOSSÁRIO* (2008) e o *Entre segredos e risos: Gírias da diversidade sexual paulistana* (2010).

Diante do que foi explicitado, percebe-se que no bajubá há uma grande variação lexical, em que, das 5 obras analisadas, identificou-se que cada uma possui muitas lexias com o mesmo sentido e que esta variação pode submeter-se ao espaço geográfico e aos aspectos sociais. As mudanças por quais passaram algumas das expressões analisadas, reforçam a ideia de que um item lexical pode ter o seu significado alterado pelo meio no qual o falante está inserido. Assim, conclui-se que há uma necessidade de compreender as particularidades dos falantes do dialeto bajubá, à medida que sua ocorrência é naturalizada e se faz presente no cotidiano de sua comunidade de prática. As variações dialetais existentes devem ser reconhecidas como uma maneira de manifestação cultural de cada comunidade de fala e comunidade de prática.

Como observado nas mudanças de significado presentes na pesquisa, podemos chegar à conclusão de que os falantes do bajubá mudam a língua, e continuarão mudando o dialeto enquanto ele existir, já que é um traço natural da língua como um todo. Bagno (2007, p. 166) aponta, acerca da mudança, que

[...] os falantes mudam a língua o tempo todo. Porque é isso mesmo que acontece: somos nós, os falantes, que, imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tomando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de processamento mental, de comunicação e interação. Não existe língua sem falantes. Por isso não é a “língua” que muda – a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mística.”

Os trabalhos acerca dos glossários e dicionários evidenciam que expressões e algumas palavras podem e são utilizadas de maneira identitária como forma de afirmação de uma identidade pessoal e coletiva. No Brasil ainda há poucos trabalhos sobre a temática, porém, esta área teve um avanço significativo no início do século XXI. Como sugestão para novas pesquisas no que se refere à temática do bajubá, vale apontar seu estudo mais aprofundado no campo sociolinguístico, pois ainda existem muitas perguntas que necessitam de respostas e carecem de pessoas interessadas em respondê-las e se aventurar no universo acadêmico visibilizando o protagonismo desta comunidade de prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, N T de Q. **Do Arouche aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ALONSO, N T de Q. **Entre Segredos E Risos: Gírias Da Diversidade Sexual Paulistana**. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ALKMIM, T M. Sociolinguística, in **Introdução a Linguística** – domínios e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. **Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos**. Revista do GELNE, Fortaleza, v.2, n.1, pp.53-59, 2000.
- ARAUJO, G C et al. **(Re) encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica**. 2018.
- BABY, J. **Diálogo de Bonecas**. Rio de Janeiro: ISER/PIM, [SD]. 1992.
- BABY, J. **Travesti lança dicionário**. Entrevista concedida a Mauricio Stycer. Folha de São Paulo, São Paulo, junho, 1995. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/22/cotidiano/18.html> Acesso em: 12 out. 2021.
- BAGNO, M. **Nada na Língua é por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- BARBOSA, M. L. **A Importância Da Variação Linguística (Dialeto E Registros) No Ensino Da Língua Portuguesa**. Congresso Nacional de Avaliação em Educação. São Paulo, 2016.
- BARROSO, R. **Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT**. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2017.
- Basílio, M. **Teoria lexical**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora. Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- BRAGA JUNIOR, S. J. L. **O jargão LGBTQ em Rupaul's Drag Race traduzido e legendado por fãs: um estudo baseado em corpus**. Fortaleza: UFCE, 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – Fortaleza, 2020, 96p.

FACCHINI, R. **“Sopa de Letrinhas?” O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo.** Dissertação de Mestrado defendida no programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. 2002.

FREITAG, R. M. K. **(Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística.** In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. cap. 1, p. 17- 74, 2015.

FONATRANS. **Diálogos de Bonecas (Bajubá) por Jovanna Baby.** Youtube. 14 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cRn1gN80DSc>>. Acesso em: 10 set. 2021.

GONÇALVES, D. T.; GOMES C. A. **Indexação social de gênero e sexualidade: contribuições aos estudos brasileiros/** Revista Diadorim. Volume 23, número 1, janeiro-junho de 2021.

GLOSSÁRIO - Vencedor do Show do Gongo 2011 (19º Festival Mix Brasil). Nov de 2008 < <https://www.youtube.com/watch?v=SfpRkLMRI3c&t=10s> > Acesso em: 17 mai. 2018

LABOV, W **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAU, H D. **A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade.** Ano XI, n. 02 -2015 - NAMID/UFPB < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/22957>> Acesso em: 03 set. 2021.

MENDES, R. B.. A variação linguística. IN: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística.** 2003. Disponível em: www.livrosgratis.net (arquivo zip – formato pdf)

MOLLICA, Maria C; M L. B. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-222-7. 2003.

MOURA, J. R. F. **Da sombra às cores: Análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia.** Tese (Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NETTO JUNIOR, N G. **O percurso semântico de alguns vocábulos do pajubá: gírias faladas pelas bichas.** 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PERES, N. da C. **Uso e apropriação do Pajubá na construção de uma identidade LGBT.** Jaraguão: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pampa, Campus de Jaguarão, 2017.

PRETI, D F. **O léxico na linguagem popular: a gíria.** Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02-1_0.pdf. Acesso em: 22-set-2021.

PORTO, F; ANDRADE, K S. **A Gíria De Grupo Na Comunidade Lgbtt De Palmas.** In: 9º Seminário de Iniciação Científica da UFT, v. 5, 2013.

ROBBIN, D. A. M.; DA SILVA, Rosangela Villa. **O Fazer Sociolinguístico Em Tempos De Pandemia: Adequações Metodológicas.** Revista Philologus, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez, 2020.

ROCHA, I L V. **O específico e o genérico: um caso de variação lexical na fala cearense.** Rev. de Letras, Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 14-25, jul./dez. 1996.

SANTOS JÚNIOR, O. **Bichonário: um dicionário gay.** Salvador: Ed. do Autor, 1996.

VIP. A.; LIBI, F. **Aurélia - A Dicionária da Língua Afiada.** São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

SILVA, D. I. S. C. da; SANTOS, O. J. S. dos. **Semântica, Gênero e sexualidade: o conceito dos pajubás da comunidade LGBT.** Revista Magistro, v. 2, n. 16, 2017.

SILVA, R. C. P. **A sociolinguística e a língua materna.** Curitiba: InterSaberes, 2013.

TARALLO F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática; 2001.

TORRES, M. M. M. **A Manifestação Do Dialeto Pajubá Na Música Queer Brasileira** Goiânia, 2019.

THINK Eva. **Não existe orgulho sem luta – Igbti+ e o mundo corporativo.** 2021 Disponível em: <https://thinkeva.com.br/e-book-nao-existe-orgulho-sem-luta-lgbti-e-o-mundo-corporativo/> Acesso em: 12 out. 2021.

VANIN, A. A. **Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’ idade de fala’** Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009.

VELOSO, R. **As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas.** In: XVII Congreso internacional asociación de lingüística y filología de américa latina. João Pessoa. 2014.

WIEDEMER, M. L. **As faces da comunidade de fala.** Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, v. 2, n. 1, 2009.